

## ALÉM DA NOTÍCIA

**Sarney já pode assumir**

O presidente em exercício, José Sarney, já sabe com quem contar numa situação de emergência mais alongada, pois tira dos últimos acontecimentos um registro adequado da base de sustentação político-institucional com a qual poderá contar. Na cúpula da Aliança Democrática, esse apoio poderá ter seu valor fundamental de força no governador de São Paulo, Franco Montoro, mais do que nunca preocupado em manter o eixo "café-com-leite", mesmo sob o impedimento do presidente eleito Tancredo Neves.

No ministério, Sarney dispõe de uma larga faixa de interlocução com o Ministro da Justiça, deputado Fernando Lyra, que o manteve informado, ao longo dos últimos dias, como a um efetivo presidente. Lyra, operoso e leal, age como Tancredo o aconselharia a agir, nessa circunstância, disposto a não fracionar o elo político que determinou a aliança do poder. Tanto quanto o ministro da Justiça, o deputado Pimenta da Veiga, líder do governo na Câmara, atua numa cota de responsabilidade política que o insere no quadro dos principais fatores de garantia do preceito constitucional.

Entre os demais ministros, os mais constantes na manutenção de um estado de relacionamento político alto com o presidente em exercício tem sido o da Administração, Aluizio Alves, e o do Interior, Ronaldo Costa Couto, este último com o encargo, que lhe foi atribuído autonomamente por Sarney, para gerir por 30 dias os negócios do Distrito Federal. Ambos muito ligados ao presidente eleito Tancredo Neves, transformam sua relação com o presidente em exercício num constante penhor da lisura da solução institucional adotada.

E estranhável, nesse cenário, que o governador de Minas, Hélio Garcia, não tenha dado subsídios maiores, no domínio psicológico, à ação interina do presidente José Sarney. Os líderes no Congresso, senadores Fernando Henrique Cardoso e Humberto Lucena, parecem igualmente um tanto sebastianistas, sem exercerem ações práticas a não ser lamentar a ausência do presidente Tancredo Neves, o que não chega a ser novidade pois todo o País também o faz, esperando que os políticos cumpram a sua parte — a administração do vácuo.

Da mesma forma, o presidente nacional do PMDB, Deputado Ulysses Guimarães, aparentemente teme explicitar uma transferência mais eloquente de poder ao presidente da República no cargo. O dirigente continua se assessorando no seu séquito habitual de ministros do PMDB e líderes, carregando-os inclusive para São Paulo. Um deles, o da Ciência e Tecnologia, Renato Archer, para conviver mais perto das prédicas do presidente do PMDB, chega a residir na sua companhia.

Tem sido, em outra escala de trabalho, discreto e apagado o papel do ministro-chefe do Gabinete Civil, Sr. José Hugo Castelo Branco, durante essa crise. Nem muito à terra, nem muito à montanha — continua na sua função de definição pouco cristalina, e que servia como uma luva apenas a Tancredo Neves. Quanto ao ministro-chefe do Gabinete Militar, já se mostra mais profissional e isento: o general Bayma Denys tem agido no limite de suas atribuições políticas, não alternando sentimentos à frente do cargo. O general Ivan de Souza Mendes, da mesma forma, faz do SNI um mecanismo absolutamente técnico na prestação de informações — qualificadas e antecipadas — ao presidente da República e aos ministros.

A torcida emocional fica por conta de um grupo muito pequeno. Na medida em que o presidente Tancredo Neves se recupera, tem-se a exata consciência de que o melhor papel de todos os seus auxiliares terá sido o de reforçar a autoridade civil, seja quem for o seu detentor nesse momento, e não o quererismo que comanda a inação.

**COSTA COUTO**

Ao ministro e governador Ronaldo Costa Couto, em resposta ao seu telefonema: a comissão de controle de infecções do Hospital de Base de Brasília é seríssima, como aliás todo o seu corpo médico. Mas as normas que têm baixado, para evitar infecções, como a que acometeu o presidente Tancredo Neves, não são integralmente cumpridas. Há suspeitas de que se prefere a pura e simples indicação de antibióticos, para ajudar à tão empobrecida indústria farmacêutica. Merece um inquérito.

LEONARDO MOTA NETO

**Sarney sabe com quem conta**

Já não há dúvida no PMDB, na Frente Liberal e na opinião pública de que o Brasil não pode continuar mergulhado na inanição e na perplexidade. Como o impedimento de Tancredo Neves será maior do que se previa, o vice-presidente José Sarney é convocado a assumir a plenitude de suas responsabilidades para pôr a máquina administrativa em funcionamento e administrar a triste herança legada pelo regime militar.

Vice-presidente não tem programa, mas isso não chega a constituir problema. Existem os estudos da Comissão do Plano de Governo (a Copag), o documento em torno do qual se instituiu a Aliança Democrática e os compromissos assumidos por Tancredo Neves na praça pública. Tudo isso pode servir de subsídio para a elaboração de um plano de ação governamental, conforme afirmam os políticos do PMDB e da Frente Liberal.

O Sr. José Sarney comportou-se com elegância, respeitou escrupulosamente o código de ética diante da doença que acometeu Tancredo Neves. Não apressou o passo para romper qualquer norma moral, mas não poderá continuar dominado por esses constrangimentos sob pena de infligir ao País maiores prejuízos. É preciso assumir o leme do barco sem demora.

A próxima semana marca o início de nova ação por parte do Vice-presidente em exercício. Provisoriamente, estão solucionados os problemas criados no Distrito Federal pelo governo José Ornellas, com a posse do ministro Ronaldo Costa Couto no Palácio do Buriti. Sarney deve agora se entender com Ulysses Guimarães, Jorge Bornhausen e outros líderes do PMDB e da Frente Liberal para adotar as iniciativas que a emergência está a reclamar.

O próprio Tancredo, se estivesse em melhores condições físicas e mentais, estaria aconselhando seu substituto eventual a tocar o barco vencendo os escrúpulos gerados por sua enfermidade. O governo instalou-se há mais de vinte dias e ainda não pôde imprimir seu próprio ritmo administrativo.

Embora dominado pela comocção provocada pelo lento martírio a que Tancredo Neves é submetido, o País inteiro sente que esse vazio de poder não pode perdurar. O Sr. José Sarney pode assumir as responsabilidades de Presidente da República para tomar as medidas que se impõem, com ampla compreensão da opinião pública.

Sarney e as principais lideranças da Aliança devem agora discutir o estabelecimento do cronograma de mudanças, com as quais se comprometeu o movimento que levou ao poder Tancredo Neves. Se as instituições estão funcionando a pleno vapor, sem ameaças de desequilíbrio, é preciso que o nosso regime presidencial mostre suas virtualidades, nas horas difíceis, como a que atravessamos.

Ao deputado Ulysses Guimarães continua reservado papel de singular importância nesta emergência, sem que, com isso, se lhe queira atribuir qualquer veledade de tutelar o regime. Seu papel é importante pela contribuição que deu pessoalmente ao processo de redemocratização do País e pela maior expressão política que o PMDB tem no contexto da Aliança Democrática.

O próprio Sarney terá interesse em manter entendimento franco e objetivo com Ulysses, advertido para a sua presença importante no cenário político do País. Sua experiência pode ser valiosa sem que isso represente qualquer diminuição para o chefe do Governo de plan-tão.

Todos os brasileiros torcem pela recuperação de Tancredo Neves, formando uma corrente espiritual como nunca se viu neste País, nem mesmo na Copa do Mundo de 1970. A Nação torce desesperadamente para que as resistências não abandonem Tancredo e ele possa voltar incólume ao exercício do poder. Mas, enquanto durar seu impedimento, a opinião pública sente que o País precisa de governo.

Político experiente e arguto, Sarney já sentiu que pode desasnar.

TARCISIO HOLANDA